



SALA DE APOIO À APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESPAÇO PARA SE ALFABETIZAR LETRANDO

Área temática: Educação.

Sandra do Rocio Ferreira Leal (coordenadora da ação de extensão)

Sandra do Rocio Ferreira Leal¹

Palavras-chave: alfabetização e letramento, salas de apoio à aprendizagem, leitura, escrita.

Resumo: Esta comunicação visa a apresentar o projeto de extensão: “Salas de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa para o 6º ano do Ensino Fundamental: espaço para se alfabetizar letrando”, inserido no Programa de Iniciação à Docência – PIBID, que está sendo desenvolvido desde setembro de 2012, em um colégio da rede estadual de ensino, em Ponta Grossa – PR. O referido projeto procura aliar ensino, pesquisa e extensão, oportunizando aos acadêmicos do curso de Letras Português/Inglês a inserção no ambiente escolar, assumindo assim uma postura de professores pesquisadores. No segundo semestre de 2012, os acadêmicos realizaram o estudo do meio, aliado às observações participativas das aulas ministradas pelas professoras supervisoras, nos 6ºs e 9ºs anos do Ensino Fundamental e acompanharam o trabalho realizado na Sala de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa para os alunos do 6º ano. Paralelo a isso, semanalmente, professora coordenadora, professoras supervisoras e acadêmicos participavam de um grupo de estudos sobre questões relativas ao ensino aprendizagem de Língua Portuguesa. Em 2013, inseridos na rotina da escola, os acadêmicos, sob a orientação das professoras supervisora e coordenadora,

¹ Coordenadora da ação extensionista. Mestre em Educação, área de concentração: Metodologia de Ensino. Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email sandra_rfl@yahoo.com.br

elaboraram um projeto de leitura e produção de textos que culminará na organização de um livro de textos dos alunos dos 6^{os} anos. Além disso, estão realizando observações participativas em turmas de 6^{os} e 9^{os} anos do Ensino Fundamental e 3^{os} anos do Ensino Médio, bem como na Sala de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa para os alunos dos 6^{os}anos. Dessa forma, estão verificando as condições de entrada e de saída dos alunos, nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, buscando alternativas metodológicas para minimizar os problemas de alfabetização e letramento detectados na dinâmica do dia a dia das salas de aula, bem como nos estudos e discussões realizados nas reuniões semanais do grupo de estudos.

Texto

As inquietações a respeito dos alunos que chegam ao 6^o ano do Ensino Fundamental não são recentes. Há uma preocupação constante com a ruptura que ocorre entre os anos iniciais e os anos finais do Ensino Fundamental, pois de um único professor, a criança passa a ter vários professores que entram e saem da sua sala de aula, ao longo da manhã ou da tarde, e isso implica numa mudança significativa da sua rotina escolar. Além disso, há uma preocupação maior, pois muitas dessas crianças estão chegando a essa nova realidade com sérios problemas de alfabetização e letramento, o que torna ainda mais traumática essa ruptura.

A partir dessas inquietações e à luz de autores como Soares (2006), Magalhães (2004), Marcuschi (2008), Ribeiro (2004), Rojo (2001), Schneuwly e Dolz (2004), Signorini (2006) entre outros, é que se tem desenvolvido esse trabalho.

Espera-se que as crianças, ao concluírem os anos iniciais do Ensino Fundamental, dominem as três habilidades: oralidade, leitura e escrita, demonstrando estarem alfabetizadas e com seu processo de letramento em franco desenvolvimento. No entanto, a realidade tem sido outra. Alfabetização e letramento são processos distintos que se interpenetram, isto é, se o indivíduo for apenas alfabetizado, terá condições de decodificar e codificar, mas não conseguirá ir além. É o que se chama de alfabetização funcional. O indivíduo consegue pegar um ônibus, fazer ligações telefônicas, contar o seu dinheiro, fazer uma compra, enfim, realizar algumas atividades básicas do cotidiano. Por outro lado, não consegue ler, compreender e se posicionar, por exemplo, frente a um texto informativo, produzido pelo sindicato da sua classe, é um prisioneiro das suas limitações, da sua ignorância, pois seu processo de letramento é bastante deficitário.

Em se tratando de alfabetização, acreditou-se por muito tempo que a criança só era inserida no universo da leitura e da escrita quando era alfabetizada. Isso significa que o conceito de alfabetização esteve, por um longo período, apenas atrelado à concepção de que alfabetizar, na escola, era desenvolver as habilidades de decodificação e codificação. Essas habilidades oportunizavam a associação de sons e letras, com o objetivo de compreender e interpretar palavras e frases descontextualizadas e, na melhor das hipóteses, textos maiores.

Já a palavra letramento tem sua origem no termo “literacy”, que indica o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Esse estado traz implicações sociais, culturais, políticas, cognitivas, econômicas e linguísticas para o sujeito que se apropriou dessas práticas (SOARES apud RANGEL, 2005). Isso significa que não basta estar alfabetizado porque leitura e escrita são práticas

sociais. Elas precisam instrumentalizar os indivíduos para que possam se posicionar nas inúmeras situações que surgem no dia a dia. À medida que o processo de letramento vai se desenvolvendo, o indivíduo vai aprimorando a sua visão a cerca do mundo que o rodeia, posicionando-se criticamente frente a sua realidade e a de seus semelhantes.

Diante disso, é essencial que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, alfabetização e letramento caminhem lado a lado. Há também que se considerar que a escola é o lugar privilegiado para se processar a alfabetização da criança, no entanto ela também pode ocorrer fora dela. Já o letramento é um processo que se inicia no ventre materno e se estende por toda a vida do indivíduo. Há ainda muitos analfabetos porque nunca tiveram acesso à sistematização da leitura e da escrita, ou alfabetizados funcionais, que apenas aprenderam a codificar e decodificar, no entanto, não há indivíduos não letrados. Existem níveis de letramento e cabe à escola ampliar, melhorar e desenvolver o letramento que as crianças apresentam quando iniciam sua vida escolar, aliando isso às práticas de alfabetização.

Para Kleiman, letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (1995, p. 19). Essas práticas sociais são permeadas por gêneros textuais diferentes, orais e escritos, com determinadas funções sociais, que circulam através dos mais variados suportes. Nessa perspectiva, o trabalho com a Língua Portuguesa, desde a alfabetização, deve privilegiar a leitura e a escrita de gêneros textuais diversos, isto é, um processo constante de letramento. Faz-se necessário também ampliar a concepção de texto, mostrando para os alunos que não se trata de um produto acabado, uma verdade absoluta e que a leitura, segundo Geraldi, “é um espaço de interlocução entre autor e leitor, mediado pelo texto” (2004, p. 91). Quando se compreende isso, consegue-se pensar em metodologias que vão ao encontro do conceito de letramento expresso por Signorini, “um conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, que envolvem ações de natureza não só física, mental e linguístico-discursiva, como também social e político-ideológica” (2001, p. 8/9).

A partir dessas reflexões é que, no segundo semestre de 2012, iniciou-se o desenvolvimento desse projeto extensionista, dentro do Programa de Iniciação à Docência – PIBID, em um colégio da rede estadual de ensino de Ponta Grossa.

A referida proposta tem procurado aliar ensino, pesquisa e extensão. Entende-se que somente investindo nesse tripé é que é possível se ter uma visão mais ampla e consistente da realidade escolar, em especial, dos 6^{os} anos do Ensino Fundamental e da Sala de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa para os alunos com dificuldades na leitura e na escrita.

Como esse projeto foi implantado no segundo semestre do ano letivo de 2012, achou-se por bem começar o trabalho através de uma pesquisa com o intuito de conhecer o meio, isto é, conhecer a escola do ponto de vista físico e pedagógico, através de visitas, entrevistas com a equipe pedagógica e direção, depoimentos das professoras supervisoras e análise do livro didático adotado. Paralelo a isso, dividiu-se os acadêmicos para acompanharem, através de observações participativas, o trabalho realizado pelas duas professoras supervisoras nos 6^{os} e 9^{os} anos, que eram suas turmas regulares, bem como na Sala de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa para o 6^o ano, em contra turno. Também foram realizadas algumas observações participativas na Sala de Recursos, que é um espaço

destinado aos alunos que apresentam laudo médico que comprova problemas de ordem neurológica e que precisam de uma atenção especial.

Para compreender melhor essa realidade observada, semanalmente, eram realizadas reuniões para estudo e trocas de experiências entre acadêmicos e professoras supervisoras, sob a coordenação da professora da UEPG, responsável pelo projeto.

Inseridos na rotina escolar, os acadêmicos participaram da feira cultural do colégio, auxiliando os alunos dos 6^{os} anos na pesquisa sobre os Estados Unidos da América e na organização do material para exposição. Além dessa atividade, partindo do pressuposto que leitura e escrita são práticas interdisciplinares por excelência, pois permeiam todas as áreas do conhecimento, também participaram de um outro projeto de extensão desenvolvido na escola, voltado ao meio ambiente, intitulado “A Ordem no meio ambiente: reciclando nossas atitudes, teremos um mundo tomado pelo arco-íris”.

Ao iniciar as atividades docentes desse ano letivo, a professora supervisora, após solicitar uma primeira produção de textos aos alunos dos 6^{os} anos, juntamente com os acadêmicos, percebeu que havia muitos alunos que não estavam alfabetizados e outros que apenas codificavam e decodificavam. Nas quatro turmas de 6^o ano, não havia coerência e nem coesão nas produções de muitos desses alunos. Diante disso, o trabalho nesse ano seria investir na Sala de Apoio à Aprendizagem, no processo de alfabetização desses alunos e, nas turmas regulares, no processo de letramento e, em alguns casos, alfabetizar letrando. Para isso, solicitou aos acadêmicos que elaborassem um projeto de leitura e produção de textos, a princípio, destinado às turmas de 6^o ano, mas que será apresentado aos demais professores, direção e equipe pedagógica da escola com o intuito de envolver a todos.

As dificuldades com leitura e escrita não são restritas apenas aos alunos dos 6^{os} anos. Isso foi comprovado pelas observações participativas realizadas pelos acadêmicos, em 2012, nas turmas de 9^o ano, e pela comparação entre os textos produzidos pelos alunos do 6^o e do 9^o ano. Nesse ano letivo, os acadêmicos estão dando continuidade às observações participativas nos 9^{os} anos e ampliando o trabalho para os 3^{os} anos do Ensino Médio. A intenção disso é compreender como as práticas de leitura e escrita estão sendo trabalhadas e apropriadas pelos alunos de anos diferentes, isto é, como eles chegam ao 6^o ano e como estão no 9^o ano e no 3^o ano do Ensino Médio. Além da constatação, tem-se por objetivo investir, através do projeto de leitura e produção de textos, no desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento dos alunos desses anos. O projeto elaborado pelos acadêmicos, sob a orientação das professoras supervisora e coordenadora, foi criado com intuito de minimizar alguns problemas detectados nas observações participativas, pois a maioria dos alunos não se sente motivada a ler, não tem consciência do quanto a leitura é importante em suas vidas. Nota-se, na escola, que os alunos se encontram, muitas vezes, despreparados para produzir textos. A partir dessas constatações, o projeto de leitura e produção de textos, intitulado “Liga da leitura e da produção textual: ampliando horizontes”, procurará contribuir com o processo de alfabetização e letramento dos alunos envolvidos, despertando neles o gosto pela leitura e pela escrita.

Inicialmente, serão usados textos da esfera literária porque oportunizam um espaço para a liberdade de linguagem, permitindo ao leitor ler e escrever por prazer. Será privilegiada a estrutura composicional narrativa e descritiva, através dos seguintes gêneros textuais: fábulas, lendas, apólogos, contos de fada, poemas,

romances, crônicas, diários, entre outros, cujos enredos serão de teor mítico, humorístico e de terror. Na última aula da semana, os alunos irão à biblioteca, em grupos, dez a dez, enquanto os outros permanecerão na sala, lendo livros depositados em um balcão, que serão substituídos uma vez por mês. No início, somente farão a leitura e, nos meses seguintes, poderão apresentá-la oralmente. Em cada bimestre, uma vez por semana, ou se o professor preferir, durante uma semana ou mais, será realizada a leitura até que seja concluído o livro escolhido. Todos os alunos, um a um, participarão da leitura e, uma vez concluída, será realizado um trabalho escrito com itens como identificação do livro, personagens, tempo, espaço, enredo, conclusão, etc. Ainda há a pretensão de trabalhar textos de teor humorístico, como histórias em quadrinhos, piadas, parlendas, trava-línguas, charges, cartuns e adivinhações, textos instrucionais, tais como receitas, rótulos, manuais de instrução e textos informativos como artigos de jornais, relatos de experiências, biografias, etc. Após o trabalho de leitura e entendimento, serão feitas as mais variadas produções que, compiladas, constarão em um livro que será organizado e editado pelos acadêmicos. Espera-se que os professores de Língua Portuguesa da escola e das demais disciplinas façam um esforço para ler, pelo menos, um livro com seus alunos, em sala de aula, durante o ano letivo, envolvendo-se dessa maneira no projeto.

Esse projeto de leitura e produção de textos, aliado às observações participativas que os acadêmicos realizam semanalmente, às pequenas práticas que desenvolvem nas turmas que acompanham o trabalho docente e aos estudos teóricos que realizam são esforços conjuntos em prol da melhoria dos processos de alfabetização e letramento dos alunos envolvidos. Tal preocupação não se restringe apenas à disciplina de Língua Portuguesa, mas a todas as disciplinas da grade curricular, pois ao ler e escrever com proficiência, certamente esses alunos melhorarão seu desempenho, na escola, em todas as áreas do conhecimento, e fora dela, nas práticas sociais cotidianas.

Referências

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

RANGEL, J. N. M. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.